

Educação em Saúde e as Articulações na Escola por um Olhar Construtivista

Health Education and Relationships at School for a Constructivist View

MARINHO, Julio Cesar Bresolin

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (Universidade Federal do Rio Grande – FURG). Membro do Núcleo de Estudos em Epistemologia e Educação em Ciências (NUEPEC/FURG). E-mail: *marinhojcb@gmail.com*

SILVA, João Alberto da

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (Universidade Federal do Rio Grande – FURG). Líder do Núcleo de Estudos em Epistemologia e Educação em Ciências (NUEPEC/FURG). E-mail: *joasilva@furg.br*

Resumo

Trabalhar na escola questões sobre saúde pode ser uma forma de proporcionar um ensino mais significativo. Na maioria das vezes, o ensino da saúde está associado ao professor de Ciências e Biologia, mas a saúde se configura como tema transversal, possível de englobar diversas áreas. Abordar a saúde nos anos iniciais do EF pode ser concebido como uma tarefa difícil, mas de fundamental importância, os estes alunos chegam à escola com comportamentos favoráveis ou desfavoráveis à saúde, assim neste espaço podem construir conhecimentos sobre estes assuntos. Utiliza-se fundamentos do construtivismo, por este estabelecer que o conhecimento ocorre pela interação do sujeito com o objeto de conhecimento. O objetivo consiste em pensar como escola e professores possam promover uma educação para saúde com os alunos dos anos iniciais do EF. Servem para a discussão desta os estudos de Arteaga Rodriguez *et al* (2007); Fernandes *et al* (2005); Pessanha (2009) e Rodrigues (2006).

Palavras-chave: Construtivismo; Educação em Ciências; Educação em Saúde; Tema Transversal.

Abstract

Working in school health issues can be a way to provide a more meaningful learning. Most often health education is associated with the teacher biology and science, but health is configured as transverse theme possible encompass several areas. Approach health in the early years of EF can be thought of as a difficult task, but of fundamental importance, because these students come to school with behavior favorable or unfavorable to health, so this space can build knowledge on these issues. Used fundamentals of constructivism, by this establish that knowledge occurs in the interaction of subject and object of knowledge. The objective consists thinking how schools and teachers promote health education to students in the early

years of EF. Serve for the discussion of the studies of Arteaga Rodriguez *et al* (2007); Fernandes *et al* (2005); Pessanha (2009) and Rodrigues (2006).

Key words: Constructivism; Science Education; Health Education; Transverse Theme.

Introdução

A saúde e o professor de Ciências e Biologia parecem estar intimamente articulados, por uma série de fatores, desde os conteúdos trabalhados com os alunos na escola (os diversos sistemas que compõem o corpo humano e a genética, por exemplo), até as disciplinas do curso de licenciatura em Ciências Biológicas (anatomia e fisiologia humanas, bioquímica, entre outras). Em minha curta experiência docente nesta área, restrita aos estágios curriculares e à participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), foi possível perceber que a saúde permeia este campo de saber. Como licenciado em Ciências Biológicas, em meu estágio curricular no Ensino Fundamental (EF), desenvolvi práticas educativas com uma 5ª série (6º ano), sobre a temática da *água*. Dentro deste bloco temático, o último conteúdo desenvolvido relacionava-se às doenças transmitidas pela água, um aspecto relacionado com a saúde. No estágio curricular do Ensino Médio (EM), trabalhei com um 1º ano, assuntos relacionados ao *sistema reprodutor humano*, neste, emergiu o conteúdo das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs).

Ao trabalhar os conteúdos relacionados com as doenças (ausência de saúde no organismo) em ambos os estágios, estes me chamaram a atenção por “despertar” muito interesse dos alunos. Eles questionavam, traziam exemplos e mostravam muita curiosidade em saber sobre tais conteúdos. Essas aulas eram mais interessantes tanto para os alunos como para mim, pois esse assunto possivelmente se aproximava mais do universo destes, trazendo desta forma mais significado à aprendizagem.

Como bolsista do programa PIBID, das muitas ações desenvolvidas na escola em que realizava as intervenções, uma consistiu em desenvolver uma atividade relacionada à temática da saúde. Esta foi executada com alunos do 2º ano do EF, e se configurou como uma atividade bastante interessante, pois, nunca havia tido contato com alunos deste nível de escolarização e em minha concepção falar de saúde com alunos desta faixa etária era um tanto quanto difícil. Felizmente, desde o planejamento, passando pelo desenvolvimento e os resultados obtidos com a atividade foram significativos para mim, e espero que para os alunos também. Nessa atividade trabalhou-se em cima dos hábitos de higiene, principalmente limpeza das mãos e dos dentes. Utilizaram-se vários recursos desde explicações em sala de aula, confecção de cartazes até a realização de atividades experimentais no laboratório da escola. Os alunos se envolveram em todos os momentos da atividade, e assim pude perceber que se podia e devia trabalhar temas relacionados com a saúde, com os escolares dos anos iniciais do EF.

A partir destas vivências, começamos a perceber as potencialidades que assuntos correlatos à saúde têm no espaço da escola. Professores das mais diversas áreas, não somente os de Ciências e Biologia podem problematizar questões relacionadas com este tema e fazer com que o ensino adquira um pouco mais de sentido na sala de aula. Analisando este tema nas suas mais diversas possibilidades, surge o interesse por desenvolver a pesquisa de caráter inicial. Nesta, optamos por direcionar um enfoque nos anos iniciais do EF, visto que neste nível de escolarização, os alunos encontram-se em um período de iniciação no ambiente escolar e tudo o que vierem a aprender de fato, tende a perpetuar-se em sua vida.

Como objetivo, neste estudo de cunho teórico, propomos uma discussão sobre como as questões da saúde têm sido pensadas em salas de aula. Associada a esta temática, utilizamos

pontos da perspectiva construtivista, pois concebemos que a aprendizagem ocorre no momento em que o aluno realiza alguma interação com o objeto de conhecimento, quando exerce papel ativo em sala de aula.

A temática da saúde na escola e a concepção construtivista de ensino

Viver mais e melhor, se não é desejo de todos os seres humanos, pelo menos da grande maioria deva ser. Para que isso ocorra, várias ações são desenvolvidas, principalmente pelo poder público, visando uma promoção da saúde. Informações estão vinculadas em vários locais, e a mídia, nas suas diversas modalidades, é um importante meio de transmissão destas. Na escola, este modelo de simplesmente transmitir a informação não é indicado. Isto se justifica pelo fato do conhecimento não ser algo pronto, ou dado, mas dele se estabelecer pela interação do sujeito com o objeto de conhecimento (BECKER, 2001).

Muitos professores não concebem a transmissão de conhecimento como entrave, pois são moldados por uma epistemologia empirista, vertente pela qual o professor acredita que o aluno não possui conhecimento algum ao chegar à sala de aula. Outros, moldados em uma epistemologia apriorista, sustentam que o aluno já nasce com o conhecimento estabelecido, e assim o professor não pode interferir na aprendizagem deste, atuando somente como facilitador. Destas concepções epistemológicas, advém uma das maiores dificuldades encontradas pelo professor em sala de aula: conciliar o conhecimento que os alunos possuem de suas vivências (conhecimento do senso comum) com os ditos “científicos” ensinados na escola. Para Pessanha (2009) quando a criança ingressa na escola, ela

traz consigo a valoração de comportamentos favoráveis ou desfavoráveis à saúde oriundos da família e outros grupos de relação mais direta. Durante a infância e a adolescência, épocas decisivas na construção de condutas, a escola passa a assumir papel destacado devido à função social e por sua potencialidade para o desenvolvimento de um trabalho sistematizado e contínuo. Deve, por isso, assumir explicitamente a responsabilidade pela educação para a saúde, já que a conformação de atitudes estará fortemente associada a valores que o professor e toda a comunidade escolar transmitirão inevitavelmente aos alunos durante o convívio escolar (p. 29).

A criança tendo já este comportamento favorável ou desfavorável em relação à saúde cabe à escola colaborar na construção de condutas que promovam a melhora da vida dos alunos. Mas, em se tratando de saúde, acreditamos em dadas ocasiões, que o conhecimento “só possa ser dado” por médicos, dentistas, entre outros, ou seja, por profissionais da área da saúde, legitimados para isso. Desta maneira, e por outra série de motivos, supomos que os professores não potencializam no espaço escolar a construção de conhecimento sobre assuntos relacionados com a saúde, tão importantes para a formação dos alunos. Podemos pensar que os profissionais da saúde dificilmente promovem uma educação para a saúde, mas acabam tratando de doenças. Cabe então, a outros segmentos da sociedade promover tal educação. Neste trabalho nos propomos a pensar como a escola, mais especificamente os professores possam promover uma educação para saúde neste espaço com os alunos dos anos iniciais do EF.

No que se refere a uma ideia de educação em saúde na escola, pensamos como Busquets *et al* (*apud* ARTEAGA RODRIGUEZ *et al*, 2007, p. 63) que menciona

os objetivos da educação para a saúde na escola são: formar uma personalidade autônoma, capaz de construir seu próprio estilo de vida e conseguir um equilíbrio que lhe proporcione bem-estar no terreno físico, psíquico e social; oferecer os meios para que o aluno se conscientize de seus próprios estados físicos e psíquicos, dos hábitos e atitudes diante das diversas situações da vida cotidiana.

Rodrigues (2006, p. 135) mostra que “saúde não significa apenas ausência de doença, mas implica um nível de bem-estar físico, psíquico, social e espiritual, que facilite o desenvolvimento com sentido positivo para a auto realização”. Para este mesmo autor “uma vida com qualidade e sentido constrói-se com boas práticas de saúde e prevenção de situações de risco”.

Ao longo desta pesquisa procuramos refletir se a escola pode ser utilizada como um local para se construir essas boas práticas de saúde e também analisar alguns estudos que tenham conjugado estes dois temas – educação e saúde – para assim promover uma discussão sobre as potencialidades da utilização do espaço escolar para os alunos aprenderem de forma efetiva assuntos relacionados à temática da saúde.

Da ação prática para a compreensão

Possivelmente quando se fale em saúde na escola, as primeiras atividades a serem lembradas sejam o ato de lavar as mãos antes da merenda e o de escovar os dentes após. Em tempos de epidemia de gripe H1N1, também é corriqueiro o uso de álcool gel para higienizar as mãos. Estas atividades são importantes de serem desenvolvidas com os alunos. Pessanha (2009, p. 32) menciona justamente isto, que “a experiência de fazer junto com a criança os procedimentos passíveis de execução no ambiente escolar, como lavagem das mãos ou escovação dos dentes, por exemplo, podem ter significado importante na aprendizagem”.

Mesmo o ato prático sendo importante de ser realizado, é necessária uma fundamentação, ou melhor, uma conceituação que permita ao aluno compreender o real significado do porquê da realização deste ato. Se o professor trabalhar somente no plano da ação física e não apresentar o porquê da ação ser realizada, desenvolve no aluno apenas um comportamento procedimental, sem levá-lo à construção de um conhecimento, uma conceituação e, conseqüentemente, a uma aprendizagem efetiva que colabore para sua formação como sujeito.

Nesta linha de pensamento, optamos então por utilizar como elemento de teorização os fundamentos construtivistas, visto que para Becker (2001)

construtivismo não é uma prática ou um método; não é uma técnica de ensino nem uma forma de aprendizagem; não é um projeto escolar; e sim uma teoria que permite (re)interpretar todas essas coisas, jogando-nos para dentro do movimento da história – da humanidade e do universo (p. 72).

Através desta concepção, o estudo foi desenvolvido, buscando esta (re)interpretação de como possivelmente a saúde seja tratada na escola, pois pelos documentos legais, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e os currículos escolares, temas correlatos à saúde permeiam todos os níveis de escolarização. Nos anos iniciais do EF os PCN de Ciências

Naturais¹ trazem o bloco temático *ser humano e saúde*, o qual apresenta uma gama de sugestões para se trabalhar estes temas e o PCN do tema transversal saúde² também contemplam vários aspectos importantes. Analisando o currículo da rede municipal do município de Rio Grande, RS, podemos observar que a temática da saúde se faz presente do 1º ao 5º ano do EF.

Partindo do pressuposto de que a maioria dos assuntos relacionados à saúde são trabalhados somente no plano da ação prática, e que não avançam para um patamar mais formal de pensamento, o da conceituação, ou melhor, da compreensão, Rosso *et al* (1998) contribuem com esta nossa forma de interpretar tal pressuposto, pois para eles a ação sempre é acompanhada da reflexão, em virtude das interpretações não serem tiradas através da manipulação dos objetos, mas das coordenações das ações do sujeito, o que denominam de ação-reflexão. Esboçam que na aprendizagem o professor tem como desafios fazer com que as ações não sejam simplesmente mecânicas isoladas ou separadas do pensamento, mas que se constituam como uma unidade inseparável da estruturação mental e da reflexão para assim se constituir numa ação interiorizada, na qual o aluno possa significar, construir, transformar, incorporar, modificar o que está em suas proximidades.

Rosso *et al* (1998) ainda mencionam que:

O êxito obtido pela via operatória supera o saber fazer material e causal carente da compreensão, pois representa e manifesta uma ação refletida, interiorizada. É a ação deslocada do plano material e exterior do plano mental, interconectando e construindo novos significados e formas de conhecer (p. 71).

Assim, tais autores descrevem dois modelos de conhecer, o *conhecer-fazer* que valoriza a transmissão pelas diferentes formas, que podem ajudar, mas não favorecem o desenvolvimento da compreensão, e o *conhecer-compreender*. Este segundo engloba a compreensão e garante um saber mais funcional e compreensível. Na escola, ao trabalhar os conteúdos de saúde o professor possivelmente se restringe ao conhecer-fazer.

Interloquções com outros pesquisadores: como a saúde vem sendo pensada na escola

No decorrer desta investigação, procuramos entender como a saúde é tratada no espaço da escola, visto que este pode ser um local com grande potencial para que os sujeitos aprendam sobre sua própria saúde, bem como a dos outros. Para Brasil (2007)

a promoção da saúde na escola é uma prioridade para a Organização Mundial da Saúde, Oficina Regional da Organização Mundial da Saúde. A escola é um espaço privilegiado por congrega, por um período importante, crianças e adolescentes numa etapa crítica de crescimento e desenvolvimento (p. 35).

¹ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais*. Brasília: MEC/SEF, 1997. v. 4.

² BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente, saúde*. Brasília: MEC/SEF, 1997. v. 9.

Pessanha (2009) argumenta que

na idade escolar – uma fase importante para o desenvolvimento humano é fundamental que sejam implementadas estratégias de ação voltadas para a saúde no sentido de promover a auto estima, o desenvolvimento de habilidades e de comportamentos saudáveis (p.23).

A escola tendo este potencial seria viável então articular estes dois temas saúde e educação. Alguns poucos estudos já começaram a problematizar esta questão.

No estudo de Fernandes *et al* (2005) foi diagnosticado que as escolas não se sentem responsáveis pela prática da saúde em seus ambientes e geralmente reproduzem o paradigma de caráter assistencialista, priorizando o indivíduo e a doença, em detrimento da coletividade e da prevenção. Estes autores também apontaram em seu estudo a relação das dificuldades dos professores dos anos iniciais do EF, para trabalhar o tema saúde dentro do ambiente escolar. Segundo eles, as dificuldades relacionam-se primeiramente à falta de material didático, seguida da falta de capacitação, falta de apoio do ambiente familiar e por último a falta de recursos humanos.

Neste mesmo estudo, investigou-se também os fatores indicados como importantes pelos professores dos anos iniciais do EF, para justificar o tema saúde no ensino. Como resultado, para estes professores, trabalhar a saúde é mostrar a sua importância e dos cuidados, prevenir e conhecer doenças, conhecer noções de higiene e alimentação, preparar e capacitar os alunos, trabalhar a cidadania e a qualidade de vida.

Fernandes *et al* (2005) observa que

a questão da saúde escolar precisa ser mais bem trabalhada com os docentes – os quais ainda não concebem muito bem o real significado dessa prática – e com toda a escola. É necessária a realização de capacitações e treinamentos para os profissionais do campo educacional, além de um **maior envolvimento dos profissionais da área da saúde**. Estes últimos devem dar uma maior contribuição para um bom desenvolvimento das ações de saúde no ambiente escolar, em especial **fornecendo um maior suporte aos educadores** – elementos fundamentais no processo de construção e mudança de comportamento (p. 290, *grifos nossos*).

Este apontamento revela que os docentes têm dificuldade em entender aspectos sobre a saúde escolar e também mencionam a maior necessidade de engajamento dos profissionais da área da saúde no espaço escolar. Neste segundo aspecto, surgem pontos interessantes: seria realmente necessário este profissional da saúde dentro da escola? E se for necessário por quê? Como consistiria o trabalho deste profissional?

Arteaga Rodriguez *et al* (2007) destinam em seu estudo atenção especial à saúde como tema transversal. Assim mencionam que

os temas transversais deveriam abarcar todos os níveis de ensino, sendo o conteúdo e a complexidade dos mesmos determinados pelos órgãos e pessoas responsáveis, oferecendo os conteúdos de forma gradual e progressiva. Tais mudanças da estrutura curricular clássica para conteúdos mais amplos estão dadas pela necessidade do

momento histórico, em que a concepção holística e a globalização do mundo impõem novas metas ao sistema educacional (p. 63-64).

Estes autores propõem que o currículo da educação para a saúde contenha os seguintes temas: *Higiene pessoal e coletiva*, que contemplem assuntos como tomar banho; lavar as mãos antes das refeições e após ir ao banheiro; não roer as unhas; higiene bucal; realizar atividades de esporte e lazer; proteger o meio ambiente, entre outros. *Educação médica e sanitária*, o qual engloba a importância da vacinação; perigos da automedicação; imprescindibilidade da visita periódica ao médico e ao dentista; medidas para prevenir e evitar a transmissão de enfermidades infectocontagiosas; orientações sobre a dieta; como evitar os acidentes domésticos, de trânsito e de trabalho; conhecimentos básicos acerca dos primeiros socorros; como procurar os serviços emergenciais, entre outros. *Orientações sobre o organismo e suas funções*, aqui surgem questões como preservar o bom desempenho fisiológico do organismo; autonomia moral e intelectual; como manejar o estresse para evitar a fadiga e depressão; como evitar as lesões por esforço repetitivo; orientações sobre a digestão dos alimentos e higiene do sono; como praticar sexo seguro e como utilizar os métodos anticoncepcionais. Também surgem *pautas de convivência* como tema, no qual deve abordar a conduta ética e padrões de comportamento cívico; como compartilhar a vida no coletivo de forma solidária; não dirigir em estado de embriaguez e respeitar os sinais do trânsito, entre outros.

Neste estudo, no qual o currículo relacionado à educação em saúde é ampliado em uma visão transversal, provavelmente não condiz com a concepção dos docentes. Estes possivelmente tenham uma visão higienista e muito ligada à ideia de doença, assim não contemplando a saúde como algo maior e mais potente de ser ensinado.

Outro estudo que destaca a saúde como tema transversal é o de Rodrigues (2006). Este autor menciona que a saúde é “uma questão transversal e interdisciplinar, que não pode ser atacada por profissionais da saúde de forma isolada” (p. 137) e, assim, diversos profissionais devem dar atenção às questões da saúde, entre eles, enfermeiros, médicos, biólogos, professores, psicólogos. Pessanha (2009) propala que a saúde deve ter o tratamento transversal, pelo fato das abordagens não estarem em uma matéria escolar específica, mas sim no cotidiano da experiência escolar.

Deste modo, acreditamos que a questão da saúde na escola deva ser desenvolvida com mais atenção pelos docentes. Esta falta de atenção pode ser dada pelo setor da educação acreditar que seu papel é de “formar os escolares em temas como matemática, línguas, história e outros conhecimentos e habilidades acadêmicas. A saúde não é seu objetivo primordial” (BRASIL, 2007, p.35).

Considerações Finais

Com as reflexões apresentadas ao longo desta pesquisa, podemos observar que a saúde é um tema que merece destaque para ser desenvolvido no espaço da escola, principalmente nos anos iniciais do EF, momento em que os alunos estão ingressando neste ambiente.

Para se efetivar uma educação em saúde observamos que não bastam simplesmente repetições de ações, mas sim realizar ações e posteriormente contextualizá-las e proporcionar que o aluno construa um saber da importância de tal ação. Aqui, mostramos a importância de uma concepção construtivista de ensino, a qual poderá proporcionar a compreensão dos saberes para os alunos.

Nos estudos apresentados foi possível observarmos o enfoque para a saúde como um tema transversal e também as dificuldades que os professores têm em trabalhar estes assuntos. Apontamos no estudo de Fernandes *et al* (2005) uma série de dificuldades encontradas pelos professores, mas estas devem ser vencidas, pois é um tema de fundamental importância e com uma potencialidade muito grande de desenvolvimento no espaço da escola.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, pelo apoio financeiro para a realização deste trabalho de pesquisa que integra o Projeto “Observatório Nacional da Educação - Construindo Redes de Saberes na Matemática e na Iniciação às Ciências: Escola e Universidade em Conexão”.

Referências

- ARTEAGA RODRÍGUEZ, C.; KOLLING, M. G.; MESQUIDA, P. Educação e saúde: um binômio que merece ser resgatado. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, 60:66, abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010055022007000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 abr. 2011.
- BECKER, Fernando. *Educação e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil*. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.
- FERNANDES, M. H.; ROCHA, V. M.; SOUZA, D. B. A concepção sobre saúde do escolar entre professores do ensino fundamental (1ª a 4ª séries). *História, ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, 283:291, ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702005000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 abr. 2011.
- PESSANHA, Riva Teixeira. *Ensino e as ciências biológicas: a necessidade da parasitologia nas escolas – um estudo de caso*. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009.
- RODRIGUES, Manuel Alves. Perspectiva interdisciplinar na formação de “educadores de saúde”. In: HAMIDO, Gracinda *et al* (orgs.). *Transversalidade em educação e em saúde*. Porto: Porto Editora, 2006. p. 133-138.
- ROSSO, A. J.; BECKER, F.; TAGLIEBER, J. E. A produção do conhecimento e a ação pedagógica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 23, n. 2, 63:82, jul./dez. 1998.